



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO  
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA  
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**GESSICA MARIA DA SILVA BOMFIM**

**VARIAÇÃO FONOLÓGICA EM LIBRAS: UMA ANÁLISE COMPARATIVA  
ENTRE SINAIS REGIONAIS DE PERNAMBUCO E CEARÁ**

Serra Talhada-PE  
2018

GESSICA MARIA DA SILVA BOMFIM

**VARIAÇÃO FONOLÓGICA EM LIBRAS: UMA ANÁLISE COMPARATIVA  
ENTRE SINAIS REGIONAIS DE PERNAMBUCO E CEARÁ**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Letras da Unidade Acadêmica de Serra Talhada da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Renata Livia de Araújo Santos

Coorientadora: Prof.<sup>a</sup> Esp. Aline Cássia Silva Araújo

Serra Talhada-PE  
2018

## FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE  
Biblioteca da UAST, Serra Talhada - PE, Brasil.

B695v Bomfim, Gessica Maria da Silva  
Variação fonológica em libras: uma análise comparativa entre sinais regionais de Pernambuco e Ceará / Gessica Maria da Silva Bomfim. – Serra Talhada, 2018.  
48 f.: il.

Orientadora: Renata Livia de Araújo Santos  
Coorientadora: Aline Cássia Silva Araújo  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Letras) – Universidade Federal Rural de Pernambuco. Unidade Acadêmica de Serra Talhada, 2018.  
Inclui referências.

1. Fonologia. 2. Língua brasileira de sinais (Libras). 3. Regionalismo.  
I. Santos, Renata Livia de Araújo, orient. II. Araújo, Aline Cássia Silva, coorient. III. Título.

CDD 400



**Universidade Federal Rural de Pernambuco**

**Unidade Acadêmica de Serra Talhada**

**Licenciatura Plena em Letras**

**GESSICA MARIA DA SILVA BOMFIM**

**VARIAÇÃO FONOLÓGICA EM LIBRAS: UMA ANÁLISE COMPARATIVA  
ENTRE SINAIS REGIONAIS DE PERNAMBUCO E CEARÁ**

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Renata Livia de Araújo Santos – UFRPE/UAST**  
**1<sup>a</sup> Examinadora/Orientadora**

---

**Prof.<sup>a</sup>. Esp. Silvana Leão de Sá – IF-SERTÃO/SERRA TALHADA**  
**2<sup>a</sup> Examinadora**

---

**Prof.<sup>a</sup>. Esp. Maria Patrícia Lourenço Barros – IF-SERTÃO/SALGUEIRO**  
**3<sup>a</sup> Examinadora**

Serra Talhada, 28 de Agosto de 2018

Por isso não desanimamos. Embora exteriormente estejamos a desgastar-nos, interiormente estamos sendo renovados dia após dia, pois os nossos sofrimentos leves e momentâneos estão produzindo para nós uma glória eterna que pesa mais do que todos eles. Assim, fixamos os olhos, não naquilo que se vê, mas no que não se vê, pois o que se vê é transitório, mas o que não se vê é eterno.

2 Corintíós 4:16-18

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço a Deus, pois se não fosse por Ele nem haveria nascido. Devo a ele o ar que respiro. Obrigada, meu querido Deus.

Agradeço, em segundo lugar, a minha família. À Minha mainha, Maria Luciene, guerreira, mulher de fibra que suportou grandes dores pelos seus filhos e agora irá realizar um de seus sonhos de ver um de seus filhos formados. Aos Meus irmãos, Wendell e Wesley pelas vezes que me incentivaram e me ajudaram me apoiando na minha caminhada. Amo vocês profundamente!

Meus sinceros agradecimentos a minha orientadora, Aline Cássia, que me mostrou quais caminhos eu deveria trilhar na minha pesquisa e se dispôs a compartilhar seus conhecimentos comigo.

À minha coorientadora, Renata Livia, que eu tive o prazer de ter contato desde o início da minha vida acadêmica. Muito obrigada, Renata. Você é um amor.

Também não poderia deixar de agradecer aos membros da banca Prof<sup>ª</sup> Silvana Leão de Sá que tive a honra de conhecer e está aprendendo com ela. Como também, a Prof<sup>ª</sup> Maria Patrícia Lourenço Barros que terei a satisfação em conhecer. Professoras, muito obrigada pelo convite aceito!

Agradeço também ao PET, programa no qual eu participei, que contribuiu bastante para minha formação e me fez conhecer pessoas maravilhosas como, Rodrigo, Joice, Eduardo Felipe, Eduardo Bezerra, Adriana, Marília, Jediael, Bruno, Taís, Alana, Veronica, Álack, Higor e meu prezado tutor Adeilson Sedrins. Obrigada a todos pelos momentos compartilhados. Obrigada Adeilson pelos puxões de orelha, foram bastante úteis. O PET é família!

Ao meu amor e psicólogo, Tiago Lopes, pelas vezes que se dispôs a ouvir minhas lamentações e me dar conselhos incríveis enquanto lágrimas rolavam no meu rosto, além de ler todo o meu TCC, obrigada amor. Te amo!

Meus singelos agradecimentos, também, aos meus egrégios do grupo “Dê Bestes Friends”, Luana, Danila, Silvia, Gustavo e Marcelo. Obrigada, por vocês me aguentarem todos esses anos. Amo vocês!

Por fim, e não menos importante agradeço a meu professor de Libras, Roberto Williams, que também foi durante anos meu orientador e a sua esposa e minha amiga, Leidjane Nunes. Muito obrigada por vocês serem importantes na minha caminhada. Agradeço a minha amiga Rosa, pelo incentivo nos estudos. A meu amigo Jack, por sempre me socorrer quando grito. À minha querida Gésica, amiga de anos e confidente. À minha querida colega de trabalho, Rita Danielly, que me ajudou emprestando os dicionários para coleta de dados e

também compartilhando seus conhecimentos, obrigada pela paciência. Ao meu amigo motoqueiro Carlos, pois todas as vezes que precisei, ele sempre esteve lá. À minha futura sogra por sempre cuidar de mim como uma segunda mãe. À minha tia e madrinha querida, Sandra, por ser um anjo na nossa vida e está sempre cuidando da gente, apesar de encontrar-se longe.

A todos que passaram por minha vida e ficaram. A todos que contribuíram de forma direta ou indireta para que esse sonho fosse concretizado. Meus sinceros agradecimentos! Muito obrigada!

## RESUMO

A variação linguística é um fenômeno natural da língua. Essas variações vão desde o campo da morfologia, da sintaxe, do léxico até o nível fonético/fonológico que é o foco deste trabalho. A variação linguística existe também porque as línguas tendem a serem condicionadas por fatores linguísticos e extralinguísticos que acabam por influenciar bastante a fala, que é de natureza heterogênea. Como a variação é inerente a todas às línguas, não poderia ser diferente na Libras, mesmo se tratando de uma língua viso-espacial. Esta, por sua vez, tem sua estrutura própria e independente da Língua Portuguesa. Nesse contexto, a seguinte pesquisa trata da variação fonológica em Libras com foco no regionalismo. Tem-se como objetivo fazer uma análise comparativa entre sinais realizados nos Estados de Pernambuco e Ceará. Para isso foram coletados e analisados 15 sinais do Dicionário da Língua de Sinais do Brasil - A Libras em suas Mãos (CAPOVILLA et al., 2017). A análise foi realizada tendo como base os Parâmetros (STOKE, 1960) Configuração de mão (CM), Ponto de Articulação (PA) e Movimento (M), que está dentro do campo fonético/fonológico da Libras, bem como nas considerações teóricas de Gesser (2009) e Quadros (2004), além dos pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008[1972]). O método utilizado nesta pesquisa foi um levantamento bibliográfico. Devido ao tempo e ao espaço, não foi possível trabalhar com a língua em seu uso, porém, julgamos nosso trabalho válido, pois o objetivo de apresentar a variação em Libras foi atingido, uma vez que se pôde perceber nos resultados a variação em alguns dos parâmetros observados.

**Palavras chaves:** Fonologia. Língua Brasileira de Sinais. Regionalismo. Variação Linguística



## ABSTRACT

Linguistic variation is a natural language phenomenon. These variations range from the field of morphology, syntax, lexicon to the phonetic/phonological level, which is the focus of this work. Linguistic variation also exists because languages tend to be conditioned by linguistic and extralinguistic factors that end up greatly influencing speech, which is heterogeneous in nature. As the variation is inherent in all languages, it could not be different in BSL, even if it is a visuospatial language. This, in its turn, has its own structure, independent of the Portuguese Language. In this context, the following research deals with the phonological variation in BSL with a focus on regionalism. The objective is to make a comparative analysis between signals performed in the states of Pernambuco and Ceará. For that, 15 signs were collected and analyzed from *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil - A Libras em suas Mãos* (CAPOVILLA et al., 2017). The analysis was performed on the basis of the Parameters (STOKE, 1960) Handshape (CM), Location (AP) and Movement (M), which is within the phonetic/phonological field of BSL, as well as in the theoretical considerations of Gesser (2009) and Quadros (2004), in addition to the theoretical assumptions of Variationist Sociolinguistics (LABOV, 2008 [1972]). The method used in this research was a bibliographical survey. Due to time and space, it was not possible to work with the language in its use, however, we judged our work valid, since the objective of presenting the variation in BSL was reached, since it was possible to perceive in the results the variation in some of the observed parameters.

**Keywords:** Phonology. Brazilian Sign Language. Regionalism. Linguistic Variation.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: PRONOMES EM LIBRAS.....	18
Figura 2: ADVÉRBIOS EM LIBRAS.....	19
Figura 3: CONFIGURAÇÕES DE MÃOS.....	22
Figura 4: SINAL DE PROFESSOR@ .....	23
Figura 5: SINAL DE MAGR@.....	23
Figura 6: SINAL DE PODER.....	23
Figura 7: SINAL DE GOSTAR.....	23
Figura 8: SINAL DE PRIMEIR@ .....	24
Figura 9: SINAL DE ÚLTIM@.....	24
Figura10: ORIENTAÇÕES DE MÃO.....	25
Figura 11: SINAL DE NOME EM ASL E LIBRAS.....	30
Figura 12: SINAL DE AVIÃO.....	30
Figura 13: SINAL DE AJUDAR.....	31
Figura 14: SINAL DE AZUL.....	32
Figura 15: SINAL DE VERDE.....	33
Figura 16: SINAL DE MAS.....	33
Figura17: SINAL DE ABRIL.....	35
Figura 18: SINAL DE ACONTECER.....	36
Figura 19: SINAL DE AÇÚCAR.....	36
Figura 20: SINAL DE ADJETIVO.....	37
Figura 21: SINAL DE AJUDAR.....	37
Figura 22: SINAL DE ALEGRE.....	38
Figura 23: SINAL DE BOA TARDE.....	39

Figura 24: SINAL DE BODE.....	39
Figura 25: SINAL DE CEG@.....	40
Figura 26: SINAL DE DESISTIR.....	40
Figura 27: SINAL DE ELEVADOR.....	41
Figura 28: SINAL DE FEIJÃO.....	42
Figura 29: SINAL DE GRAMATICA.....	43
Figura 30: SINAL DE GORD@.....	43
Figura 3I: SINAL DE INCLUSÃO .....	44

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: SINAIS SELECIONADOS.....	34
Tabela 2: MUDANÇA NOS PARÂMETROS.....	45

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....</b>	<b>16</b>
1.1 Língua de Sinais e Língua Brasileira de Sinais .....	16
1.2 Fonologia em Libras .....	21
1.3 Sociolinguística Variacionista .....	26
1.4 Variação Linguística em Libras .....	28
1.4.1 Variação Social .....	30
1.4.2 Mudanças históricas .....	31
1.4.3 Regionalismo .....	32
<b>2. METODOLOGIA .....</b>	<b>34</b>
<b>3. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....</b>	<b>35</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>46</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>47</b>

## INTRODUÇÃO

Durante muito tempo os surdos sofreram por não poder se comunicar da forma que queriam, não podiam exercer seu papel como cidadãos, não podiam interagir com as demais pessoas e nem frequentar lugares sociáveis e públicos que os ouvintes frequentavam. Eles não tinham apenas seus direitos retirados, também, não eram considerados seres humanos por não conseguirem empregar a língua utilizada pela maioria da população.

Depois de muita luta, os surdos começaram a obter espaços que eram seus por direito e um dos maiores e mais importantes foi poder se comunicar na sua Língua natural, a Língua de Sinais. Esta por sua vez começou a ser disseminada em grande parte do mundo e foram se originando diversas línguas de sinais.

No Brasil a língua empregada é a Língua Brasileira de Sinais que é utilizada pela comunidade surda do Brasil, como também ouvintes que se interessam em aprender como segunda língua, mas sempre com finalidade comunicativa. Para Ferreira (2011, p. 17):

A comunicação por sinais utilizada pelas pessoas surdas não é uma invenção de um grupo minoritário de deficientes, uma “prótese” simbólica para substituir a voz por causa da deficiência auditiva, mas está na própria origem da linguagem humana. O desenvolvimento das línguas de sinais, hoje consideradas como o modo natural e mais eficiente para a comunicação de surdos, está, antes de tudo, baseado na capacidade linguística primordial de todos os seres humanos.

O surdo tem a capacidade cognitiva igual à de um ouvinte, ele apenas faz uso de uma língua diferente. Sem a Libras os surdos não teriam como expressar e aprender conceitos concretos ou abstratos que estão dentro de seu cotidiano, como também estarem inseridos no contexto vivenciado por todos os brasileiros, seja político, religioso, esportivo, etc.

Os estudos sobre surdez e Libras vêm ganhando evidência ao longo dos anos, porém, ainda não existem muitas pesquisas que analisam a língua enquanto sua estrutura. Dessa maneira busco contribuir para futuras investigações na área, principalmente na área da variação fonológica da Língua Brasileira de Sinais.

Este trabalho tem por objetivo analisar sinais retirados do Dicionário da Língua de Sinais do Brasil - A Libras em suas Mãos (CAPOVILLA et al, 2017) comparando a realização do mesmo sinal em estados diferentes, no caso Pernambuco e Ceará, atentando para a produção de acordo com os parâmetros de Stokoe (1960), analisando com que Configuração

de mão (CM), Ponto de Articulação (PA) e Movimento (M) o sinal é realizado e qual sofre mais variação.

Esta pesquisa é dividida em três capítulos. O primeiro é composto dos Pressupostos teóricos e traz uma discussão sobre a Língua de Sinais e a Língua Brasileira de Sinais abordando seus principais pontos e mostrando o porquê merece seu *status* de língua. Como também, trazemos uma discussão sobre a fonética/fonologia citando seus principais conceitos. E finalizamos, falamos sobre uma vertente da linguística, a Sociolinguística, mencionando sua importância, origem e objetivo, como também, sobre a variação linguística em libras. Na sequência, capítulo 2, apresentamos os procedimentos metodológicos tomados para a coleta de dados e em seguida, no capítulo 3, é realizada a análise comparativa dos sinais e a discussão dos resultados e, por fim, as considerações finais.

## 1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Nesta primeira parte do trabalho, trataremos uma discussão sobre a Língua de Sinais e Língua Brasileira de Sinais e suas características. Em seguida, apresentamos alguns conceitos sobre a Fonética/Fonologia que será de grande importância para descrição e análise dos dados. Logo em seguida adentraremos em alguns pressupostos da Sociolinguística Variacionista, trazendo a sua origem e conceitos. E no campo da Variação Linguística em Libras discutindo sobre os tipos de variações até chegar ao foco do nosso trabalho, o regionalismo.

### 1.1 Língua de Sinais e Língua Brasileira de Sinais

A língua de Sinais é uma língua visual-espacial que se utiliza de sinais para que se consiga interação entre seus falantes, como também, o emissor necessita ver o receptor para que haja comunicação e por isso se distingue das línguas orais, pois estas são orais-auditivas que utilizam palavras e não é necessário o emissor e o receptor se verem para que haja a conversação, todavia, não é por ter meios diferentes de comunicação que uma é mais importante que a outra, ambas são línguas naturais e vivas. Segundo Quadros & Karnopp (2004, p.30):

As línguas de sinais são consideradas línguas naturais e, conseqüentemente, compartilham uma série de características que lhes atribui caráter específico e as distingue dos demais sistemas de comunicação (...). As línguas de sinais são, portanto, consideradas pela linguística como línguas naturais ou como um sistema linguístico legítimo e não como um problema do surdo ou como uma patologia da linguagem.

A Língua de Sinais é uma língua natural e acompanha, em alguns casos, seus falantes desde seu nascimento, estas estão em constante processo de transformação e, consecutivamente, há criação de novos sinais e os que já existem passam por transformações, sendo adequados à comunidade falante da língua em questão, assim como em qualquer língua oral que é natural está sempre em constante mudança.

Há muito tempo, esta língua, vem sendo tratada como linguagem por muitos que dizem associar a língua à sinalização do português e à mímica, assegurando que por não ser uma língua oral, ou seja, que foge ao conforto de muitos, não é algo estruturado como as



demais línguas, o que é uma afirmação leiga, sem embasamento e estudo. Gesser (2009, p.21) afirma que:

Quando me perguntam se a língua de sinais é mímica entendo que está implícito nessa pergunta um preconceito muito grave, que vai além da discussão sobre a legitimidade linguística ou mesmo sobre quaisquer relações que ela possa ter (ou não com a língua de sinais. Está associada a essa pergunta à ideia que muitos ouvintes têm sobre os surdos: uma visão embasada na anormalidade, segundo a qual o máximo que o surdo consegue expressar é uma forma pantomímica indecifrável e somente compreensível entre eles.

Nota-se que as pessoas acabam por perpassar um preconceito, muitas vezes, por falta de conhecimento. Muitos não querem sair da sua zona de conforto e procurar pesquisar mais sobre a língua, então, apenas, repassam informações errôneas e sem embasamento que faz, tão-somente, com que a Libras não ganhe seu *status* de língua, como realmente é. Gesser (2009, p.21-22) ainda afirma que:

A língua de Sinais tem todas as características linguísticas de qualquer língua humana natural. É necessário que nós, indivíduos de uma cultura de língua oral, entendamos que o canal comunicativo diferente (visual-gestual) que o surdo usa para se comunicar não anula a existência de uma língua tão natural, complexa e genuína como é a língua de Sinais.

A língua de Sinais tem sua gramática própria, igualmente às demais línguas, ela tem uma estrutura gramatical bastante estudada. Encontramos diversos estudos nas áreas de Fonologia, Morfologia, Sintaxe e lexicologia, estudos esses que só comprovam ainda mais que a língua é rica e genuína e não passa, exclusivamente, de uma sinalização de uma língua oral.

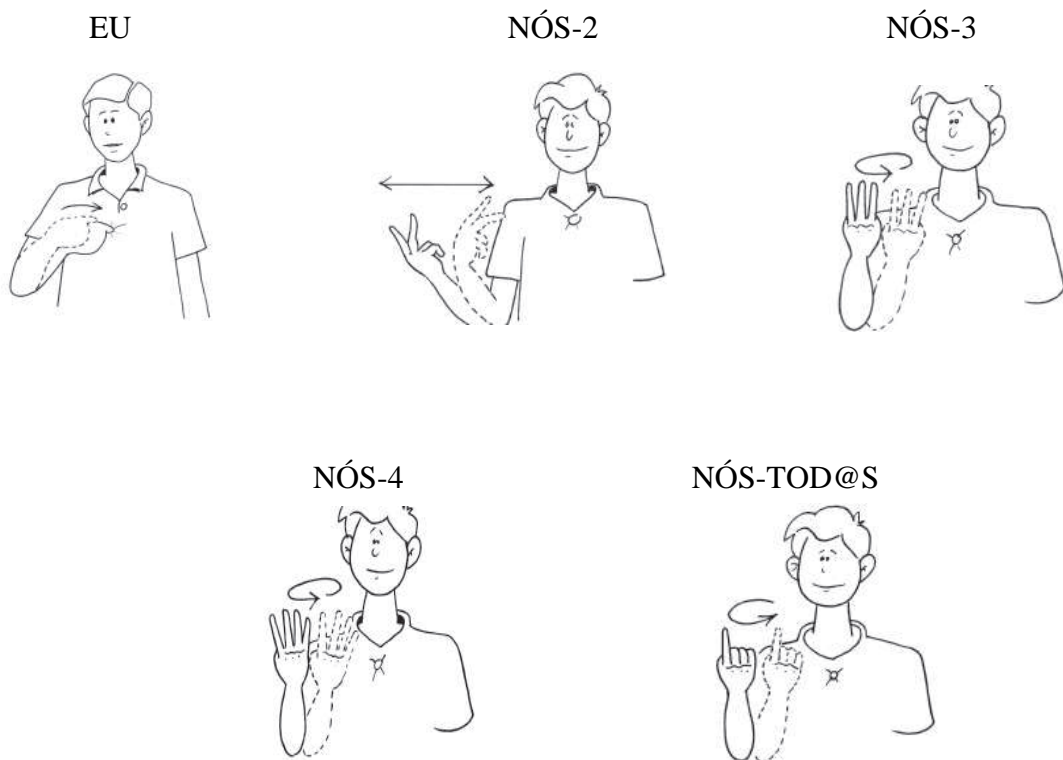
Os seres humanos podem empregar a língua em modalidades diferentes, a modalidade oral-auditiva (línguas orais como o português e o inglês) e a modalidade visual-gestual (línguas de sinais como a francesa, a brasileira e a americana) e mesmo sabendo a diferenciação das duas modalidades porquê as pessoas tendem a confundir língua e linguagem?

Para Saussure (1995, p.17) “língua não se confunde com linguagem: é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos”. A língua não pode ser vista

separada da linguagem, pois uma está dentro da outra, a linguagem é externalização da língua de modo que é utilizada em contextos sociocomunicativos diferentes, podendo ser em situações formais e informais. A língua de sinais é dotada de estrutura gramatical complexa, além de carregar a cultura de um povo, como também a sua identidade, pois língua não é somente estrutura, mas algo que caracteriza a comunidade falante dela. Lopes 2001, p. 22 ressalta que: “Assim, as línguas naturais não são um decalque nem uma rotulação da realidade; elas delimitam aspectos de experiências vividas por cada povo, e estas experiências, como as línguas, não coincidem, necessariamente, de uma região para outra”

Como exemplo de uma língua com sua estrutura gramatical própria e elaborada observemos a primeira pessoa do sistema pronominal na LIBRAS nas imagens a seguir.

Figura 1: PRONOMES EM LIBRAS



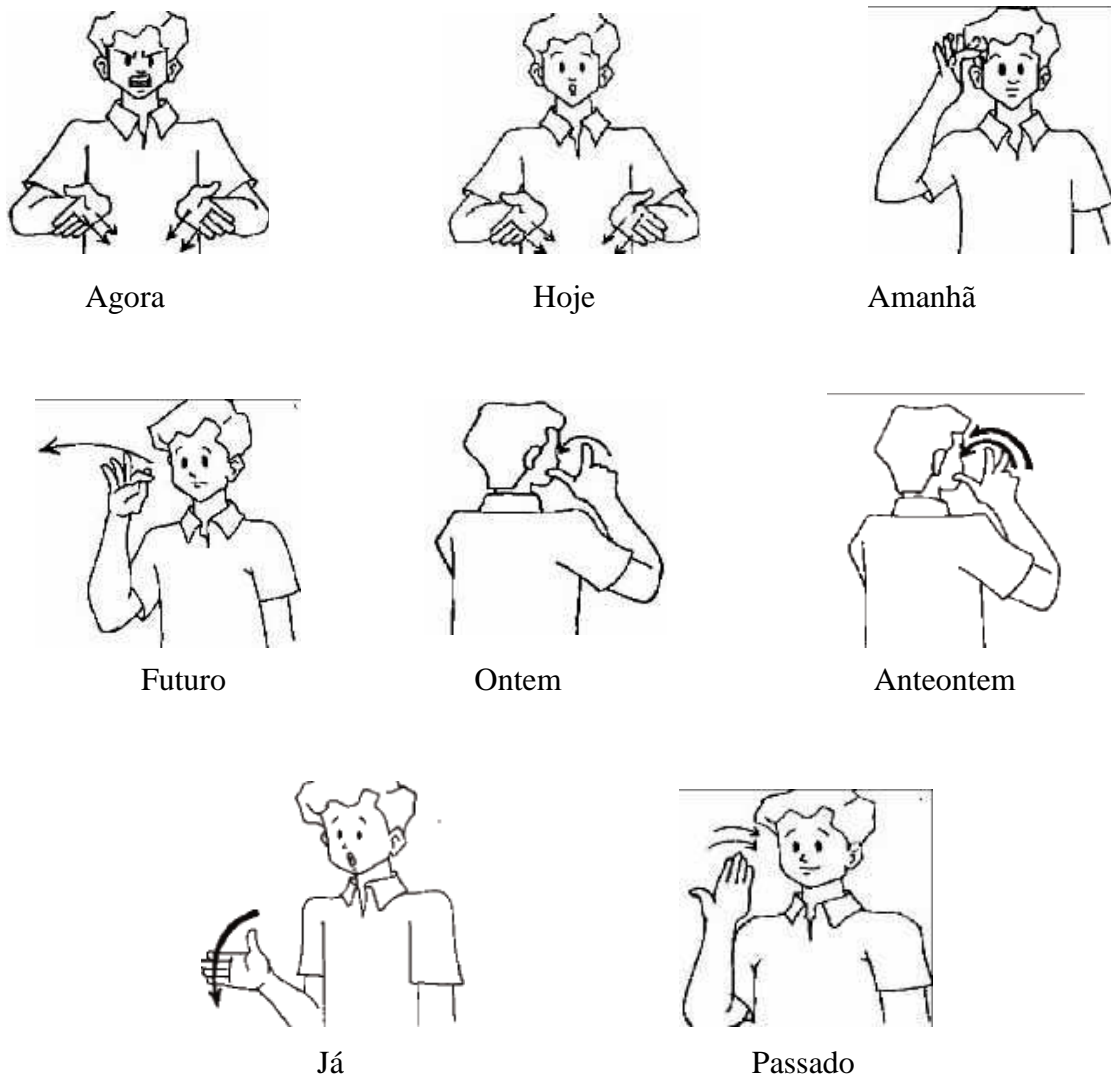
TANYA, A.; MONTEIRO, M.; SOUZA, F. **Libras em Contexto: Curso Básico**. 6. Ed. Brasília: Ministério da Educação, 2007, p. 16.

O sinal da primeira pessoa do singular é realizado com o dedo indicador apontando para o emissor. A primeira pessoa ainda pode ser Dual, nós-2, (configuração em V apontando para o emissor e o receptor), Trial, nós-3 (configuração em W e movimento giratório em

frente ao corpo do enunciador), quadrial, nós-4 (configuração em 4 e movimento giratório em frente ao corpo do enunciador) e plural, nós-todos (dedo indicador realizando o movimento circular em frente ao corpo do enunciador).

Observemos, agora, outro aspecto estrutural gramatical: Advérbio de tempo. O Advérbio Libras é de suma importância, pois não tem a marcação de tempo verbal em Libras, os verbos permanecem no infinitivo e são os advérbios que irão garantir essa marcação. Então, para que haja uma marcação de tempo nas frases, recorre-se aos sinais de advérbios de tempo: hoje, agora, ontem, anteontem, amanhã, já, passado e futuro.

Figura 2: ADVÉRBIOS EM LIBRAS



Os exemplos acima serviram para mostrar que como em qualquer língua existe os Pronomes pessoais e advérbios, na Libras não é diferente. São aspectos estruturais inerentes a qualquer língua e isso só serve para afirmar cada vez mais que Libras é uma língua e não um canal de comunicação, linguagem, ou gestualidade de uma língua oral.

No Brasil a Língua Brasileira de Sinais foi reconhecida como segunda língua oficial do país através da Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que menciona em um de seus seguintes artigos:

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados. Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (BRASIL, 2002).

A partir da implementação dessa lei, os surdos conseguiram ter liberdade em se comunicar utilizando sua L1<sup>1</sup>, sem ter medo de ser oprimido e forçado a oralizar. Com essa Lei a comunicação e expressão de conhecimentos abstratos e gramaticais através da Língua Brasileira de Sinais foram reconhecidas legalmente, com isso, trouxe para os surdos uma sensação de mais uma batalha concluída e vencida. Apesar dessa lei ter sido vigorada em 2002, ou seja, há 16 anos, infelizmente, atualmente ainda existem pessoas que ainda não tomaram conhecimento sobre esta, o que é realmente preocupante. A comunidade surda<sup>2</sup>, enfrenta uma luta diária para propagar conhecimentos a cerca da Libras, como também desmistificar certos preconceitos que rondam a comunidade e sua cultura. É uma batalha que, infelizmente, não se avista o fim, porém, não deixa de se haver lutas todos os dias. Por isso a importância de trabalhos na área, pois com essa difusão mais pessoas podem conhecer ainda mais sobre a língua.

Como já conhecemos um pouco sobre noções que norteiam a Língua de Sinais e a Língua Brasileira de Sinais vamos nos aprofundar mais sobre os aspectos que promovem a realização dos sinais em Libras adentrando assim no campo da fonologia.

---

<sup>1</sup> A primeira língua (L1) dos surdos é a Libras, pois é a língua natural deles. Para nós ouvintes a nossa L1 é o português, se, por ventura, começarmos a aprender Libras, esta será a nossa segunda língua (L2). O português para os surdos é L2.

<sup>2</sup> Quando há referência à comunidade surda são incluídos todos que estão inseridos no convívio com surdos, pois a comunidade não é composta apenas de surdos, mas de ouvintes também, sejam eles, pais, amigos, intérpretes, professores e etc.

## 1.2 Fonologia da Libras

A fonologia é um ramo da linguística que trata de estudar os sons da língua e tem seu foco em aspectos relacionados à, por exemplo, encontros vocálicos e consonantais, divisão silábica, ortografia e acentuação das palavras. Callou e Leite (1990, p.11) destacam:

A fonologia estuda os sons do ponto de vista funcional com elementos que integram um sistema linguístico determinado. À fonologia cabe estudar as diferenças fônicas intencionais, distintas, que se vinculam a diferenças de significação e, além disso, estabelecer como se relacionam entre si os elementos de diferenciação e as condições em que se combinam uns com os outros para formar morfemas, palavras e frases.

Esta, por sua vez, irá estudar os fonemas que são responsáveis em dar significado às palavras isso através dos traços que aparecem distintos e interpretar esses fonemas considerando os sons encontrados na língua, como também, teorias existentes e relacionadas à área de estudo. Diferente da fonética que é descritiva, a fonologia deve explicar e interpretar os sons das línguas. Um exemplo é a palavra porta com transcrição fonética assim /p'ɔr.tə/ e /p'ɔR.tə/, a área em questão tem por objetivo explicar o porquê das palavras terem escrita iguais mais sua pronuncia diferente, por exemplo. A fonologia das línguas orais vai se distinguir da fonologia da língua de sinais a se iniciar pelo objeto de estudo, uma estuda os sons e a outra a realização dos sinais.

A Fonologia da Língua de Sinais é o ramo da linguística que objetiva identificar a estrutura e a organização dos constituintes fonológicos, propondo modelos descritivos e explanatórios. A primeira tarefa da fonologia para língua de sinais é determinar quais são as unidades mínimas que formam os sinais. A segunda tarefa é estabelecer quais são os padrões possíveis de combinação entre essas unidades e as variações possíveis no ambiente fonológico (QUADROS & KARNOPP, 2004, p.47).

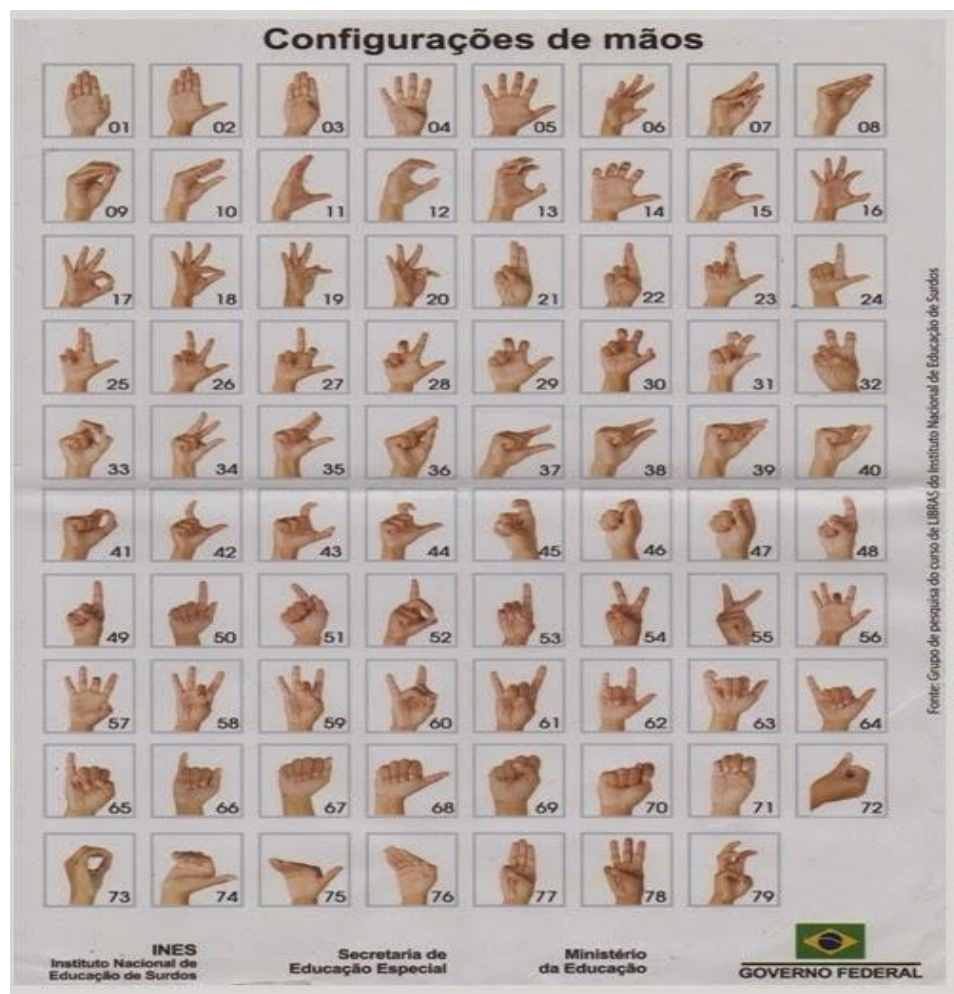
As unidades mínimas estudadas pela fonologia da Libras é um dos estudos de Stokoe (1960), que foi pioneiro na área, esse foi um estudo de grande importância para a linguística que até então não havia iniciado nenhuma pesquisa a cerca da comunicação dos surdos, e este acabou por contribuir em grande escala em todas as pesquisas realizadas na área da fonologia.

Para denotar uma distinção entre a fonologia das línguas orais e a de sinais, Stokoe (1960) denomina ‘quirema’ as unidades mínimas dos sinais (configuração de mão, locação e movimento) e ao estudo dessas unidades ele atribuiu o termo ‘quirologia’.

Stokoe propõe a descrição de três parâmetros primordiais na língua de Sinais, que são as unidades mínimas (fonemas), esses compõem os morfemas da Língua de Sinais, e são: Configuração de mão (CM), Locação (L) ou Ponto de Articulação (PA) e Movimento (M). Cada um desses tem uma função significativa na realização dos sinais, pois sem eles os sinais não têm sentido, além de serem indissociáveis.

Conforme Ferreira-Brito (1995) a língua de Sinais brasileira apresenta 45 CMs, porém o quadro foi atualizado diversas vezes, novos pesquisadores descobriram mais configurações. Hoje contamos com o quadro organizado pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) chegando a 79 CMs, atualmente.

Figura 3: CONFIGURAÇÕES DE MÃOS



Fonte: Site Charles Azevedo, 2014.

A configuração de mão (CM), como o nome já sugere, é configuração que a mão toma ao se reproduzir um sinal. Observe no exemplo a seguir.

Figura 4: SINAL DE PROFESSOR@



Figura 5: SINAL DE MAGR@



TANYA, A.; MONTEIRO, M.; SOUZA, F. **Libras em Contexto**: Curso Básico. 6. Ed. Brasília: Ministério da Educação, 2007, p. 12.

O sinal PROFESSR@<sup>3</sup> é realizado com a CM número 50 e o sinal de MAGR@ é realizada com a CM número 5 ambas do quadro de configurações de Libras organizado pelo INES apresentado na página anterior.

A Locação (L) ou Ponto de Articulação (PA) é o ponto aonde o sinal é realizado. Existem pontos de articulação nas áreas da cabeça, tronco e nos membros superiores, como também, existe sinais que sua realização acontece em espaço neutro que seria o espaço em frente ao corpo do emissor. Vejamos os exemplos a seguir:

Figura 6: SINAL DE PODER



Figura 7: SINAL DE GOSTAR



TANYA, A.; MONTEIRO, M.; SOUZA, F. **Libras em Contexto**: Curso Básico. 6. Ed. Brasília: Ministério da Educação, 2007, p. 42.

<sup>3</sup> Na Libras não há desinência de gênero ou número associada a terminação do sinal, então na escrita em lugar da desinência se coloca o @.

O sinal de poder tem a locação neutra (espaço neutro), que se localiza em frente ao corpo sem toque algum no tronco e o sinal gostar tem a locação no tronco, em específico no peito, pois há um contato da mão no corpo.

Por último e não menos importante, temos o movimento (M), que é a movimentação que mão, pulsos e antebraços fazem na realização do sinal. Para Quadros & Karnopp (2004, p. 55) :

Os movimentos identificados na língua brasileira de sinais por Ferreira-Brito(1990) são semelhantes as categorias propostas por Friedman(1977), Supalla e Newport (1978) e Klima e Bellugi (1979). Tais traços referem-se ao tipo, direcionalidade, maneira e frequência do movimento. Assim, Ferreira-Brito (1990) menciona que o movimento pode estar nas mãos, pulsos e antebraço; os movimentos direcionais podem ser unidirecionais, bidirecionais, multidirecionais; a maneira é a categoria que descreve a qualidade, a tensão e a velocidade do movimento; a frequência refere-se ao número de repetições de um movimento.

O movimento é um dos parâmetros mais complexos, pois desenvolve várias formas e direções que vão de movimentos simples da mão para a junção do antebraço e pulso. Existem, também, sinais que não demandam movimento. Para exemplificar esse parâmetro observemos as figuras a baixo:

Figura 8: SINAL DE PRIMEIR@



Figura 9: SINAL DE ÚLTIM@





No sinal de PRIMEIR@ podemos observar o movimento de zig zag e no sinal de ÚLTIM@ o movimento é retilíneo.

Após a análise dos sinais de Stokoe (1960) atribuindo três parâmetros a Língua de Sinais, outros estudiosos aderiam ao campo da fonologia mais 2 parâmetros denominado parâmetros secundários, sendo eles orientação de mão (Or) e os aspectos não-manuais: expressões faciais e corporais.

A orientação da mão é, em suma, a direção em que a palma da mão vai tomar na realização do sinal. Existem muitos sinais que só distinguem pela orientação da mão, por isso a importância desse parâmetro. Segundo Marentette (1995, p.204), existem seis que são:

Figura10: ORIENTAÇÕES DE MÃO



Fonte: Marentette 1995, p. 204

As expressões não-manuais têm a movimentação do face (nariz, boca, sobrancelha, olhos), como também, do tronco. Não é menos importante em relação aos demais parâmetros, muito pelo contrário, é bastante necessária para a comunicação gestual. Para Karnopp (2004, p. 60):

As expressões não-manuais que têm função sintática marcam sentenças interrogativas sim-não, interrogativas QU-, orações relativas, topicalizações.

As expressões não-manuais que constituem componentes lexicais marcam referência específica, referência pronominal, partícula negativa, advérbio ou aspecto.

Em um diálogo em LIBRAS, as expressões não-manuais irão distinguir uma frase exclamativa de uma interrogativa, como também sinais específicos que irão necessitar diretamente dessas expressões. Atente para as frases a seguir, que irão se distinguir na comunicação, apenas quando houver a utilização da expressão.

VOCÊ CASAD@ (expressão de afirmação)

VOCÊ CASAD@ (expressão de interrogação)

VOCÊ CASAD@ (expressão de admiração)

VOCÊ CASAD@ (expressão de dúvida)

VOCÊ NÃO-CASAD@ (expressão de negação)

As expressões faciais é que guiam o contexto comunicativo, sem elas a comunicação é totalmente prejudicada, pois não teria como o receptor compreender o que realmente o emissor deseja passar.

No próximo capítulo discutiremos sobre a variação linguística que está ligada, de certo modo, ao campo da fonologia.

### 1.3 Sociolinguística Variacionista

A Sociolinguística é uma vertente da Linguística que estuda a língua de uma forma diferente de outras vertentes, esta pondera, em suas análises da língua, o contexto sócio-comunicativo como agente influenciador da língua, ou seja, pesquisa e considera não somente aspectos linguísticos da língua, mas também sociais.

Idealizada pelo o estudioso americano William Labov (2008[1972]), a Sociolinguística tem como objetivo estudar a estabilidade e mutabilidade da variação linguística, observando quais fatores podem a influenciar, sejam fatores linguísticos ou sociolinguísticos.

A partir de 1970 a Sociolinguística ganha impulso e passa a ganhar destaques em pesquisas que visavam observar a língua como fator social. De acordo com Alkmim (2001, p. 33 *apud* Junior, 2014, p. 22):

Língua e variação são inseparáveis: a Sociolinguística encara a diversidade linguística não como um problema, mas como uma qualidade constitutiva do

fenômeno linguístico. Nesse sentido, qualquer tentativa de buscar apreender apenas o invariável, o sistema subjacente - se valer de opiniões como “língua e fala”, ou competência e desempenho - significa uma redução na compreensão do fenômeno linguístico. O aspecto formal e estruturado do fenômeno linguístico é apenas parte do fenômeno total.

Desta forma podemos observar que para a Sociolinguística, a tentativa de se estudar uma língua a tendo como uma forma indissociável de seu uso é não entender o significado de língua. Esse modelo teórico-metodológico surge para rebater outras teorias da época que consideravam a língua como homogênea, desconsiderando totalmente o seu lado social, um modelo totalmente estruturalista. Labov (2008[1972]), então reconhece o valor heterogêneo da língua e passa a mostrar para sociedade que não há apenas uma maneira de falar considerada correta, mas sim várias. Para Coelho (2010, p.23):

Varição É o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto linguístico com o mesmo valor referencial, ou com o mesmo valor de verdade, e, com o mesmo significado. Dois requisitos devem, pois, ser cumpridos para que ocorra variação: as formas envolvidas precisam (i) ser intercambiáveis no mesmo contexto e (ii) manter o mesmo significado.

A variação linguística pode ocorrer em todos os níveis da língua (fonético, fonológico, morfológico, sintático, lexical e discursivo) e está ligada em suma a diversas maneiras de se dizer a mesma coisa, sem alterações de sentido. Observemos o exemplo a seguir:

Domingo à tarde, o político vê um programa de TV.

Um assessor passa por ele e pergunta: – **Firme?**

O político responde: – Não, **Sírvio** Santos.

(POSSENTI, S. Os humores da língua. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998, p. 34)

Note que a palavra em negrito “firme” é que faz a relação da piada com estudos sociolinguísticos, uma vez que, se nota a ambiguidade adquirida na conversação, já que a variação firme, uma variante popular que faz referência a “filme”, é confundida com firme que tem o mesmo sentido de “tudo bem?”, um cumprimento informal. O fenômeno é reforçado na última linha pela troca da palavra “Sílvio” por “Sírvio”.

Nesse exemplo podemos perceber que há uma troca do /l/ pelo /r/ fenômeno denominado variação linguística, mais especificamente variação fonológica, aonde há uma troca de um fonema pelo outro e ainda assim não há alteração em seu sentido. Esta variação é influenciada por fatores extralinguísticos, nesse caso a escolaridade, pois compreende-se que

o político não tem domínio da língua padrão falada. Esse tipo de fenômeno é estudado pela sociolinguística.

Na perspectiva da Sociolinguística, o ser humano é por natureza plurilíngue (usa diversas línguas). E mesmo quando usamos nossa língua, esta se apresenta de diversos modos: por exemplo, em casa, usamos o idioma familiar; na escola, modificamos o nosso modo de usar a língua e interagimos com outras pessoas, colegas e professores, que trazem modos de usar a língua diferente do nosso. Isto acontece em qualquer língua, seja ela o português brasileiro ou a LIBRAS. (CAVALCANTE, 2013, p.4)

Se a variação linguística é inerente a todas às línguas ela se aplicaria a Libras? Com certeza, pois assim como há variação nas línguas orais, também vai haver nas línguas visuais gestuais e isso é o que observaremos e analisaremos no próximo capítulo.

Nesse item situamos o leitor a cerca do que é sociolinguística e seus conceitos e mostramos que a variação linguística é intrínseca a todas as línguas, não excluindo, logicamente, a Libras. No próximo capítulo observaremos a variação linguística na Língua Brasileira de Sinais.

#### **1.4 Variação Linguística em Libras**

Em capítulos anteriores decorremos a diferença e semelhança entre fonologia das línguas orais e da Língua de sinais, como também os parâmetros utilizados na Libras. Neste iremos trazer um pouco sobre a variação linguística na Libras, como também, alguns estudos feitos nessa área.

O estudo da língua sempre despertou interesse de muitos pesquisadores, seja no campo da sintaxe, lexicologia, morfologia ou fonologia. As pessoas sempre atentam para o uso da língua, observando os sotaques, gírias e dialetos, sejam eles realizados em qualquer região do país.

As diferenças de pronúncia, de vocabulário e de sintaxe observadas por um habitante de São Paulo, por exemplo, ao comparar sua expressão verbal à dos falantes de outras regiões, como Rio de Janeiro, Salvador, Recife, Belo Horizonte, muitas vezes o fazem considerar “horrrível” o sotaque de algumas dessas regiões; “esquisito” seu vocabulário e “errada” sua sintaxe. Esses julgamentos não são levados em conta pelo linguista, cuja função é estudar toda e qualquer expressão linguística como um fato merecedor de descrição e explicação dentro de um quadro científico adequado (PETTER, 2002, p. 17).

A Variação Linguística ainda é bem discriminada no meio em que vivemos, notamos isso, por exemplo, pelo preconceito em que um falante nordestino sofre ao chegar a São Paulo e vice-versa. Isso acontece porque as pessoas estão acostumadas com o seu modo de falar e quando entram em contato com um dialeto ou sotaque diferente, elas tendem a julgar como errado.

Para a Gramática Normativa a variação é desprestigiada, pois a forma que é evidenciada é a Norma padrão, que é a forma idealizada pela da Gramática. Já a Linguística considera que cada falante tem sua própria forma de falar e ninguém pode dizer para este o que é errado ou certo em seu modo de falar. Se a comunicação não está sendo prejudicada, então não há nada em que se corrigir no uso da língua. A linguística, especialmente a sociolinguística, entende que na língua não se pode usar esses conceitos preconceituosos de “certo e errado”, mas sim de “adequado e inadequado” à situação sócio-comunicativa.

Observamos em capítulos anteriores que a Libras é carregada de estrutura, tem sua gramática própria e suas complexidades, assim como as línguas orais, e não seria diferente no campo da variação linguística. E é no nível fonético-fonológico da língua onde a variação linguística se manifesta de forma mais visível. Mostrar que na Libras há variação linguística é de suma importância, pois reforça ainda mais o seu valor de língua.

Alguns pesquisadores da Libras se detiveram a produzir trabalhos na área de Variação Linguística, mais ainda assim a área tem um déficit em trabalhos, porém os que foram realizados já contribuem bastante para compreendermos ainda mais sobre o universo da Libras.

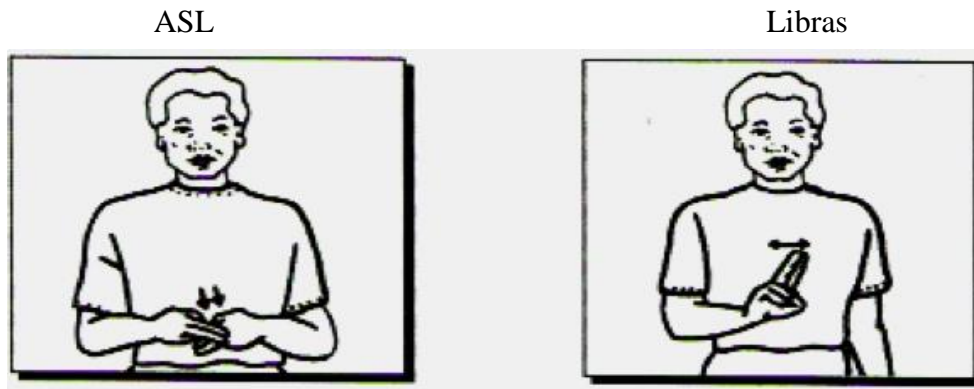
Um dos estudos sobre variação realizado foi o de Júnior (2011), que realizou um trabalho quantitativo e qualitativo sobre variações linguísticas em Libras, atentando para a análise e identificação das suas variantes e variante-padrão, selecionando seis termos da terminologia da política brasileira. O seu trabalho tinha foco no léxico e objetivava averiguar as variações que tinham influência do português, como também, as variações naturais da LSB.

Foram escolhidos surdos e profissionais da área em questão para que houvesse a constatação da variação dos sinais utilizados por eles. Nos resultados desse estudo, pode-se comprovar a presença de variantes e a escolha de uma variante-padrão para cada termo, além de render uma discussão relevante para os estudos sobre variação LSB e levar a busca de estratégias para preparação de um dicionário terminológico da Libras.

No mundo há muitas outras línguas de sinais. Cada lugar tem a sua própria. Assim como no Brasil se fala o português e nos Estados Unidos se fala inglês, também se tem a Libras (língua brasileira de sinais), nos Estados Unidos tem a ASL (língua americana de

sinais) e na França se tem a FSL (língua Francesa de sinais). Assim, desmitificando que a Libras é universal, pois cada lugar tem sua língua de sinais, independentemente das suas, respectivas, línguas orais. Observe os sinais de nome em ASL e Libras, eles diferem, porque cada um tem sua estrutura linguística.

Figura 11: SINAL DE NOME EM ASL E LIBRAS



Fonte: Strobel, K.; Fernandes, S. Aspectos Linguísticos da Língua Brasileira de Sinais, 1992, p.3

Na Libras há alguns tipos de variações. Variação Social, Mudanças Históricas e Regionalismo. Traremos um pouco de cada um para que o leitor se situe.

#### 1.4.1 Variação Social

A primeira variação é a social que consiste na mudança nos parâmetros CM e M. Essa é denominada social, pois acontece por influência de fatores extralinguísticos relacionados ao falante como, por exemplo, escolaridade, idade e sexo e menos contato com a comunidade surda. Vejamos, a seguir, exemplos dos sinais avião e ajudar.

Figura 12: SINAL DE AVIÃO

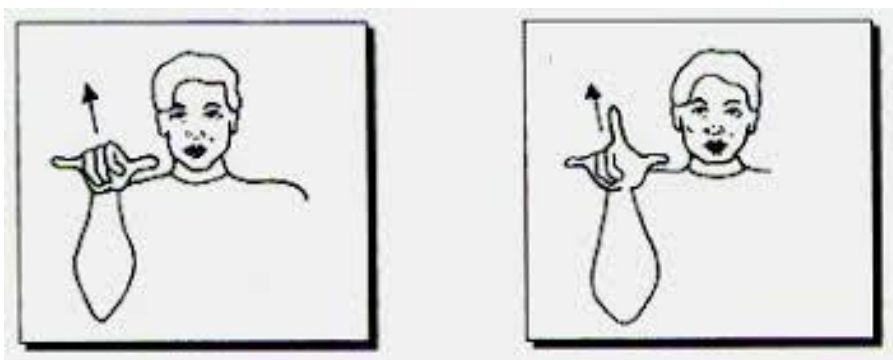
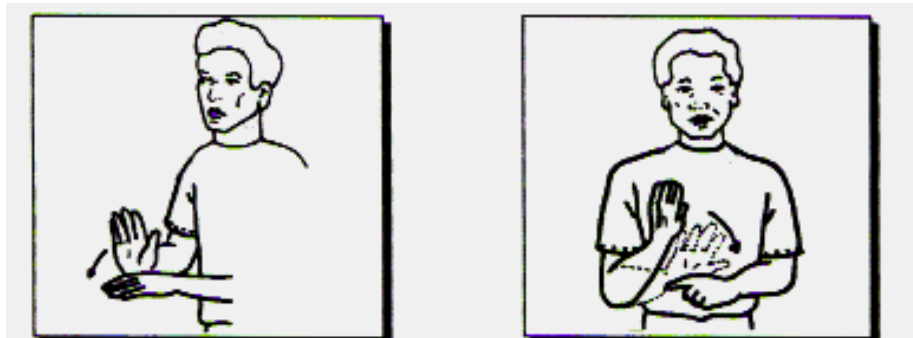


Figura 13: SINAL DE AJUDAR



Fonte: Strobel, K.; Fernandes, S. Aspectos Linguísticos da Língua Brasileira de Sinais, 1992, p. 4 e 5

O sinal AVIÃO, apresentado na primeira figura sofre alteração no parâmetro CM, o dedo indicador aparece apontando para cima, mas o movimento é o mesmo nas duas figuras. Na realização do sinal “ajudar”, que sofre alteração no parâmetro CM e M, note que no primeiro desenho, a mão esquerda está aberta fazendo o movimento junto com a mão direita e no outro a mão esquerda tem, apenas, o dedo indicador aberto e somente a mão direita faz o movimento em encontro da mão esquerda. Embora haja uma modificação nos sinais, nenhum tem sua semântica modificada.

#### 1.4.2 Mudanças Históricas

Mudanças históricas, também é um tipo de variação e consiste na transformação de sinais que acontecem ao passar tempo. A comunidade surda está sempre adequando os sinais para melhor comunicação entre eles. Então, veem a necessidade de adaptar alguns sinais.

Podemos observar na figura o sinal de AZUL e suas mudanças. No primeiro quadro para se referir à cor AZUL era realizada a datilologia<sup>4</sup> do nome. No segundo quadro nota-se que é realizado a letra A em seguida com o L do final da palavra já se aproveita pra fazer o Z

<sup>4</sup> Datilologia é a soletração de uma palavra utilizando o alfabeto digital ou manual da língua de sinais. A datilologia é comumente usada para expressar substantivos próprios, também palavras que não possuem sinal conhecido ou, ainda, palavras da língua portuguesa que formam incorporadas á libras e, por isso, são também soletradas como “nunca” e “oi”. Importante frisar que o emprego da datilologia não substitui o uso correto dos sinais, pois assim como no português, a Libras tem um léxico próprio, comunicado pelos sinais. (Miguel, F. 2012)

e na terceira figura que conta o sinal que é utilizado hoje em dia pela comunidade surda só empregada a letra A e L em movimento retilíneo.

Figura 14: SINAL DE AZUL



Fonte: Strobel, K.; Fernandes, S. Aspectos Linguísticos da Língua Brasileira de Sinais, 1992, p.5

E para fim da nossa discussão sobre os tipos de variação, temos o regionalismo, que é o foco de nosso trabalho, esse trata das variações de sinais de acordo com as mudanças geográficas. Veremos em mais detalhe na próxima seção.

### 1.4.3 Regionalismo

Segundo Santana e Neves (2015, p. 91) “as variações linguísticas trazem características próprias que enriquecem a pluralidade cultural do nosso país. É através delas que podemos nos expressar de diversas formas, aplicando-as em diversos contextos sociais”.

Observamos que em nosso país, em cada região, existe uma peculiaridade de seu povo, as variações linguísticas, que são marcações que influenciam diretamente no uso da língua em determinada regiões geográficas.

No português temos exemplo de variação regional o “dida” (suco de fruta congelado no saquinho e conhecido por esse nome na região Nordeste, especificamente, Serra Talhada), que pode ser conhecido em outras regiões por “dim dim”, “sacolé”, “tubiba”, “tirulipa”, “picolé”, “chupe-chupe”, “miau”, “gelinho”, “geladinho”, “flau”, “curité”, “bidú”, “suquinho”, “juju”, entre outros. Assim também na Língua Brasileira de Sinais não poderia ser diferente, pois esta também tem seu *status* de língua natural e sofre variações. Observe abaixo os sinais de VERDE E MAS, respectivamente.



Figura 15: SINAL DE VERDE



Figura 16: SINAL DE MAS



Fonte: Strobel, K.; Fernandes, S. Aspectos Linguísticos da Língua Brasileira de Sinais, 1992, p.6

Note que na figura 15 o sinal de VERDE irá se distinguir nas regiões e sua variação ocorrerá em todos os parâmetros primários, CM, L e M, entretanto, na figura 16 que tem a realização do sinal de MAS, haverá modificação apenas nos parâmetros CM e M, porém L será igual em todos, nesse caso L será o espaço neutro em frente ao corpo.

## 2. METODOLOGIA

Como já mencionado anteriormente na introdução, a importância desse trabalho está em contribuir para as pesquisas que têm foco na Variação Linguística que irão surgir após a esta, como também, trazer para conhecimento de todos que se interessam pela área de Libras um trabalho que visa apresentar as variações que acontecem no Estado de Pernambuco em comparação com o estado do Ceará. Apesar das pesquisas na área apresentarem aumento com passar dos anos, ainda assim, não são muitas realizadas no campo da variação linguística.

O método utilizado nesta pesquisa foi um levantamento bibliográfico. Devido ao tempo e ao espaço, não foi possível trabalhar com os usos linguísticos reais da Libras, porém, mesmo assim, consideramos nosso trabalho válido, uma vez que nosso objetivo é demonstrar a variação linguística presente nessa língua, o que é totalmente possível a partir do método selecionado para este trabalho. Em um primeiro momento para a realização da pesquisa foram selecionados 15 sinais do ensino básico de Libras como L2, estes foram escolhidos aleatoriamente e estudados. Em seguida, foi realizada uma pesquisa de qual dicionário seria melhor para serem coletados sinais e dentre alguns foi selecionado o Dicionário da Língua de Sinais do Brasil - A Libras em suas Mãos obra dos autores Fernando C. Capovilla, Walkiria D. Raphael, Janice G. Timóteo e Antonielle C. Martins que é dividido em três volumes. O primeiro traz sinais que vão de A a D, o segundo mostra sinais de E a O e o último apresenta sinais de P a Z.

Do primeiro dicionário de A-D foram selecionadas 10 sinais, do segundo dicionário de E-O foram selecionados 5 sinais. Observe abaixo a tabela com os 15 sinais selecionados.

Tabela 1: SINAIS SELECIONADOS

<b>SINAIS</b>		
ABRIL	ALEGRE	ELEVADOR
ACONTECER	BOA TARDE	FEIJÃO
AÇÚCAR	BODE	GRAMÁTICA
ADJETIVO	CEG@	GORD@
AJUDAR	DESISTIR	INCLUSÃO

Fonte: a própria autora.

### 3. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

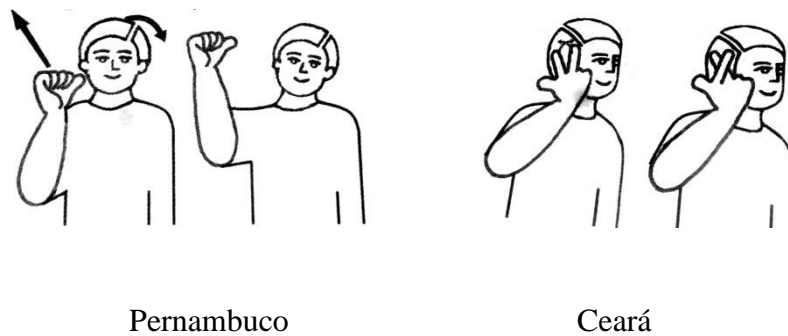
Este capítulo tem como foco a descrição e análise dos sinais coletados Dicionário da Língua de Sinais do Brasil - A Libras em suas Mãos (CAPOVILLA et al., 2017) retirados do volumes 1 e 2.

Foram considerados para descrição e análise dos dados os três parâmetros principais de Stokoe comentados na página 21, Configuração de mão (CM), Movimento (M) e Ponto de Articulação (PA), avaliando assim cada sinal e observando em qual apresenta variação.

Na figura abaixo podemos observar que o sinal de ABRIL, variação de Pernambuco, é realizado em CM em A, PA no pescoço e M retilíneo elevando a mão a altura da cabeça. O sinal de ABRIL, realizado no Ceará tem duas CMs, sendo uma realizada com o dedo indicador, o do meio e o polegar em evidência e a outra também com os três dedos em destaque, porém na segunda o dedo indicador cruza com o do meio. Todos tocam ao lado do rosto, sendo esse o seu PA. O movimento age diretamente nas mudanças das CMs.

Observamos que nesse sinal houve uma mudança total dos parâmetros.

Figura17: SINHAL DE ABRIL



O próximo sinal é ACONTECER, vemos que em Pernambuco o sinal apresenta uma CM aberta e seu PA é ao lado direito ou esquerdo do rosto, isso dependendo de qual mão é ativa na sinalização (destros e canhotos). O M é efetivado na mudança da orientação da palma mão que muda da frente (espaço neutro) para o rosto do emissor. O M que é realizado é de uma meia lua (curvilíneo). O mesmo sinal, só que realizado no Ceará, vai ter duas CMs a mão esquerda (Passiva) aberta em direção para cima e a mão direita (Ativa) em CM em dois. O sinal é realizado em espaço neutro (em frente ao corpo) e o M é retilíneo até a mão direita tocar a esquerda, logo após é realizado uma leve inclinada. Ambos os sinais se diferem em

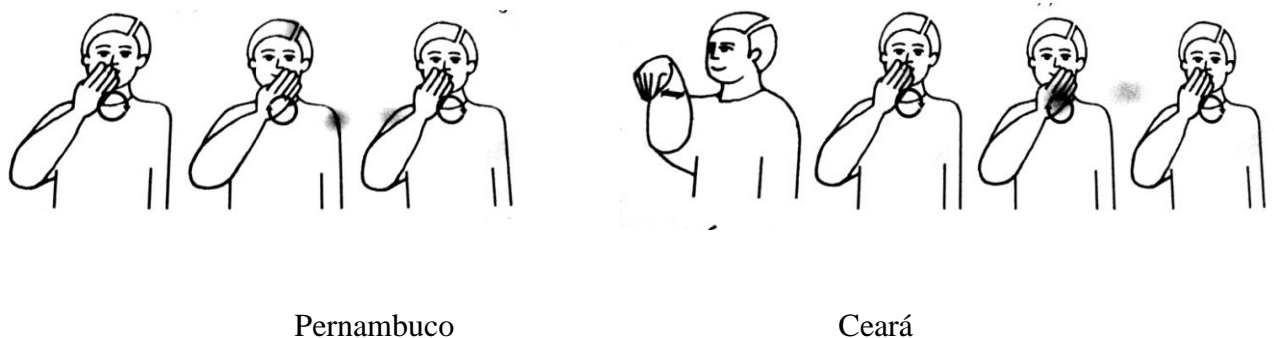
todos os parâmetros e o sinal realizado no Ceará, também é realizado em Pernambuco, entretanto, tem significado diferente, significa ERRADO.

Figura 18: SINAL ACONTECER



Na figura 19 temos o sinal de AÇÚCAR. O sinal de AÇÚCAR realizado em Pernambuco tem uma configuração de mão em B, também podendo ser efetivado com a mão aberta. O PA é na boca e M é circular. O mesmo sinal é emitido no Ceará, à divergência entre eles estará apenas no acréscimo de um novo sinal, isso apenas no Ceará, mas o acréscimo não altera o valor semântico do sinal. Esse segundo sinal realizado no espaço neutro tem sua CM com todos os dedos unidos e M bem pequeno e retilíneo.

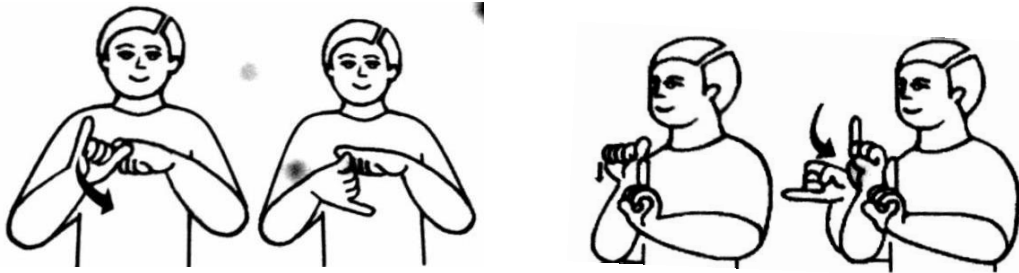
Figura 19: SINAL DE AÇÚCAR



Outro sinal estudado é ADJETIVO. Em Pernambuco ele é produzido com duas CMs, a primeira, mão esquerda, em A e a direção para baixo, A segunda em J e há um contato entre as duas CMs que estão localizadas no espaço neutro e com M apenas para realização do J. No Ceará o sinal em questão também é reproduzido no PA neutro e tem o mesmo movimento em

J, porém vai divergir na Configuração de Mão, que tem a primeira CM realizada pela mão passiva (esquerda) em D e a segunda e terceira sendo realizada pela mão ativa (direita) em A e em seguida em J.

Figura 20: SINAL DE ADJETIVO



Pernambuco

Ceará

Na figura 21, temos o sinal AJUDAR. Este, por sua vez, é realizado de maneiras divergentes nos Estados ressaltados. Em Pernambuco é produzido com as duas mãos e CMs diferentes, uma aberta em direção ao receptor e a outra em D com o toque do indicador no início da palma da mão, este toque caracteriza o movimento retilíneo do sinal. O PA é mais uma vez neutro, assim como no Ceará que também terá duas CMs diferentes. A primeira mão tem configuração aberta semelhante ao sinal realizado em Pernambuco, entretanto há uma diferenciação na orientação sendo para cima e não em direção ao receptor. A segunda CM é em S e realiza o contato entre as mãos e o movimento é retilíneo com apontamento para direção do receptor.

Figura 21: SINAL DE AJUDAR

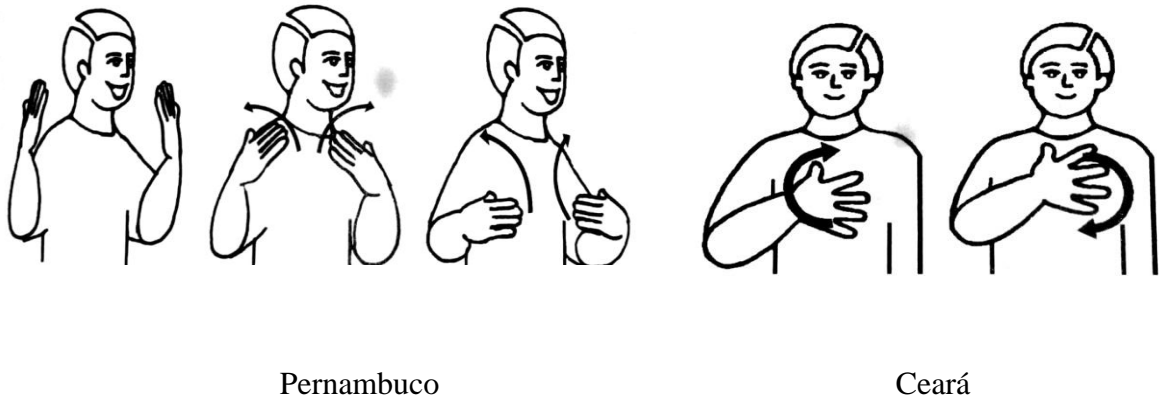


Pernambuco

Ceará

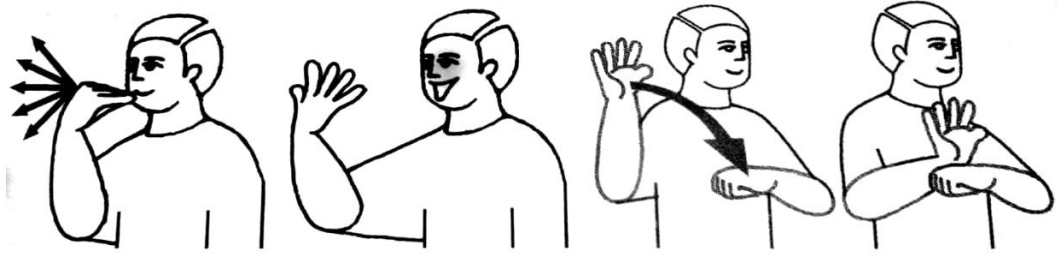
No sinal a seguir, figura 22, observamos já de imediato a divergência dos sinais. Na realização do sinal ALEGRE em Pernambuco, notamos que é utilizada as duas mãos em CM aberta e PA no peito complementado com M curvilíneo que vai do peito aos ombros. No Ceará a produção do sinal vai mudar a CM, porque apesar de terem a configuração semelhante, no segundo sinal só há a utilização de apenas uma das mãos e essa tem uma CM mais aberta em comparação com o sinal de Pernambuco. Ambos tem o mesmo PA e diferem no movimento, sendo este último circular. Uma observação relevante é que o sinal realizado no Ceará significa o verbo GOSTAR em Pernambuco.

Figura 22: SINAL DE ALEGRE

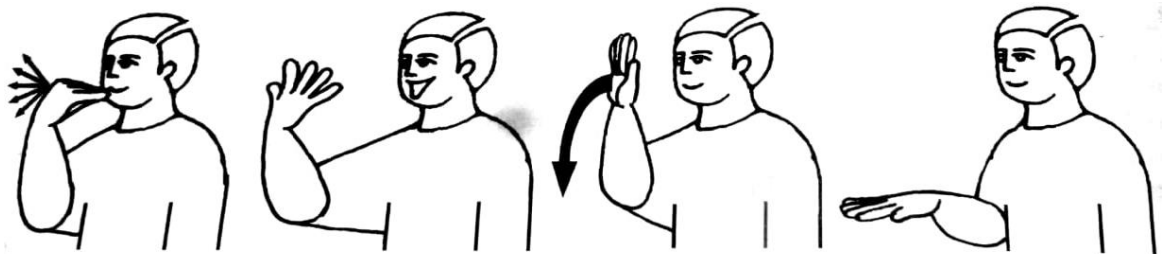


No caso do sinal de BOA TARDE, da figura número 23, notamos que os sinais realizados tanto em Pernambuco como no Ceará, tem a utilização das duas mãos e o primeiro sinal produzido tem as mesmas CMs. Eles também compartilham do mesmo movimento na abertura das mãos e ainda, o mesmo PA na boca. O segundo sinal é que sofre o fenômeno da variação, pois em Pernambuco é realizado com duas mãos, à direita em CM aberta e a esquerda em S na horizontal o movimento é curvilíneo e vai de uma mão a outra promovendo o contato entre as duas. O PA é neutro. Em contrapartida o Sinal do Ceará terá o mesmo movimento e PA, no entanto terá apenas uma CM aberta.

Figura 23: SINAL DE BOA TARDE



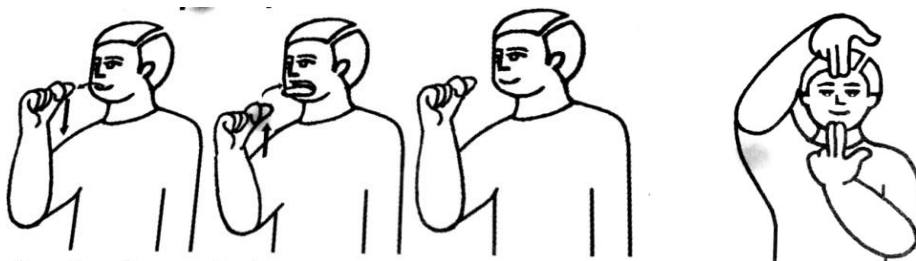
Pernambuco



Ceará

No sinal BODE produzido em Pernambuco, notamos que é utilizada apenas uma das mãos, na qual essa tem CM em A com uma evidência a mais do dedo indicador. Esse sinal tem o PA na boca e o movimento retilíneo para cima e para baixo. Em contrapartida apresentamos o sinal realizado no Ceará que se utiliza das duas mãos com CM em U com levantamento do polegar, traz dois PA, um na testa e o outro no queixo e não há movimento na realização do sinal. Esse sinal apresentou variação em todos os parâmetros.

Figura 24: SINAL DE BODE



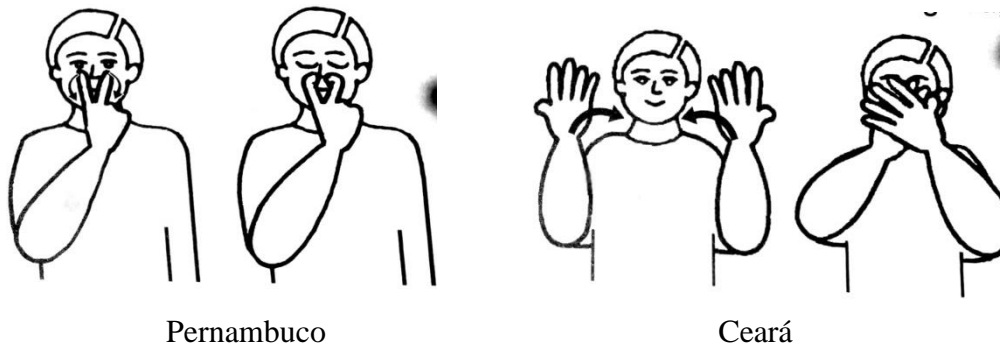
Pernambuco

Ceará

A seguir, na figura 25, trazemos o sinal de CEG@ que também irá sofrer variação em todos os parâmetros da fonologia, assim como os sinais ABRIL, ACONTECER, AÇUCAR E BODE, que já foram analisados neste trabalho.

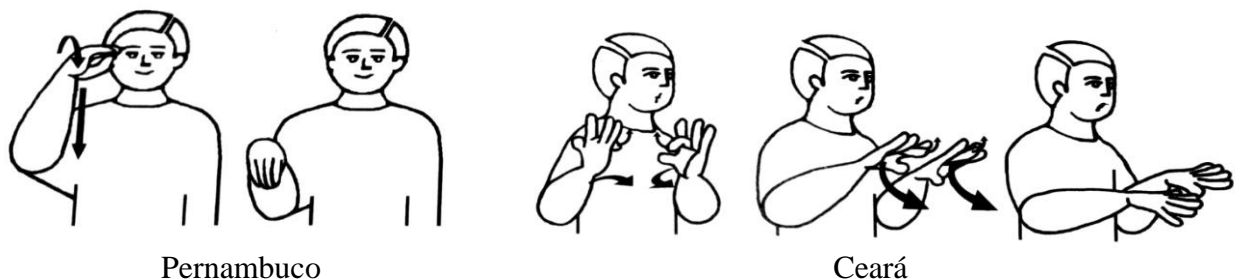
Na realização de Pernambuco, observamos que a CM é em V e o M é realizado em uma única movimentação retilínea para baixo no PA que é no olho. Já o sinal produzido no Ceará apresenta a CM aberta e utiliza as duas mãos na realização. O PA é visível no rosto e M transversal.

Figura 25: SINAL DE CEG@



O sinal do verbo DESISTIR, figura 26, realizado em Pernambuco apenas com uma das mãos, possui uma CM com dedos acoplados, PA no lado da testa e M retilíneo para baixo, diferentemente da realização no mesmo sinal, mas no Ceará, que tem a utilização das duas mãos e duas CMs, o número 43 do quadro de configurações (Figura 3) e a mão aberta. O PA é neutro e o movimento é curvilíneo e se dá na mudança de uma CM para outra. O sinal em destaque não possui nenhum parâmetro semelhante em sua produção entre Pernambuco e Ceará.

Figura 26: SINAL DE DESISTIR

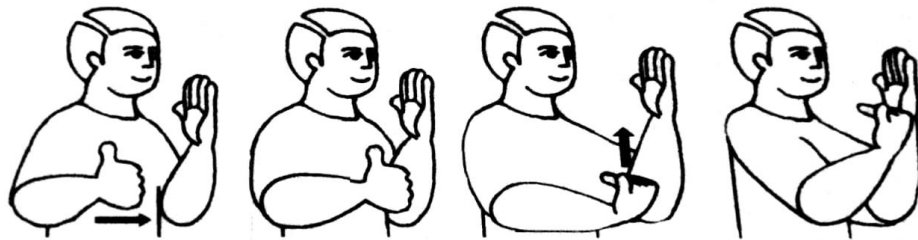




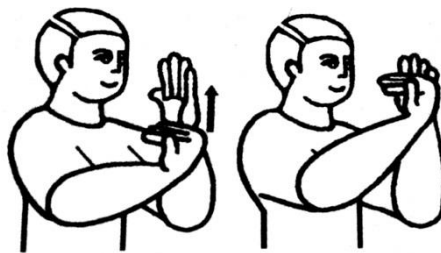
O próximo sinal que será analisado, na figura 27, é ELEVADOR. Observamos inicialmente que aparentemente são iguais, contudo apresentarão algumas variações. O sinal produzido em Pernambuco, realizado com duas mãos e três CMs, tem sua primeira configuração em mão aberta e inclinada, a segunda em número 1 e a terceira apresenta a CM número 30 do quadro de configuração (Figura 3). O PA é no braço e é necessário dois movimentos: o primeiro retilíneo horizontal e o outro retilíneo vertical, tendo o contato entre mão e braço. O mesmo sinal produzido no Ceará só conta com duas CMs uma em mão aberta e a outra utiliza a CM número 30 do quadro de configuração (Figura 3) e PA, também realizada no braço, porém com apenas um movimento retilíneo e contato de mão com mão.

Apresentando assim, apenas o parâmetro PA igual entre os sinais.

Figura 27: SINAL DE ELEVADOR



Pernambuco



Ceará

Outro sinal estudado foi FEIJÃO que vai apresentar variação em M e CM, mas o PA será o mesmo nas duas regiões. Observe que em Pernambuco FEIJÃO é produzido com as duas mãos em CMs diferentes. A mão ativa em O e a mão passiva em I horizontal e um único

movimento curvilíneo para baixo. No Ceará no sinal é empregado a CM com dedos acoplados e a outra CM em D. O M é curvilíneo para baixo e depois para cima e finalizando para baixo.

Ambos os sinais tem PA no espaço neutro.

Figura 28: SINAL DE FEIJÃO



Pernambuco



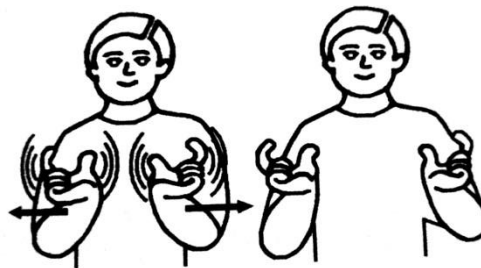
Ceará

O sinal analisado a seguir é GRAMÁTICA. A priori notamos que haverá variação nos parâmetros CM e M, sendo que o PA será igual nas duas regiões assim como os sinais analisados nas figuras 21, 22, 27 e 28. O sinal produzido em Pernambuco utiliza as duas mãos com CM em G, M retilíneo com o braço e curvilíneo com as mãos. Em oposição analisamos o sinal de GRAMÁTICA realizado no Ceará com as duas mãos que terá a CM número 19 do quadro de configurações (Figura 3). O M é retilíneo com os braços, também, mas as mãos têm um movimento trêmulo. Ambos os sinais tem o PA no espaço neutro.

Figura 29: SINAL DE GRAMÁTICA



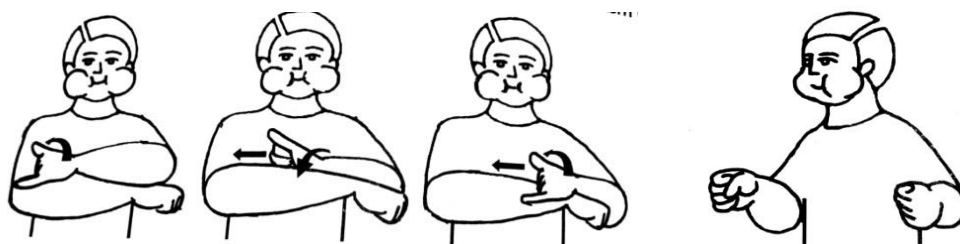
Pernambuco



Ceará

O penúltimo sinal analisado é GORD@. Observamos já de início a grande divergência que há entre os sinais. O sinal produzido em Pernambuco emprega as duas mãos e apresenta CMs em A na horizontal (mão ativa) e em Y (mão passiva). O M é retilíneo subindo da mão em direção ao antebraço em movimento zig zag, tendo realização do sinal no braço (PA). O sinal de GORD@ no Ceará é produzido, também, com as duas mãos e com CM em S, no espaço neutro (PA) e sem realização de movimento. Confirma-se a visão inicial, os sinais sofrem variação em todos os parâmetros.

Figura 30: SINAL DE GORD@



Pernambuco

Ceará

O último sinal estudado é INCLUSÃO, na figura 31. Observa-se a formação do sinal no estado de Pernambuco com as duas mãos e apenas uma CM aberta, em movimento transversal realizado no espaço neutro (PA). Em oposição temos o mesmo sinal realizado no Ceará com CM (aberta), PA (espaço neutro) iguais ao produzido em Pernambuco. A variação irá se localizar somente no parâmetro M que no Ceará não irá ser transversal e sim retilíneo com os braços com curvas realizadas pelas mãos.

Figura 31: SINAL DE INCLUSÃO<sup>5</sup>



Para sumarizar essa análise, exibiremos a tabela 2, que expõe as propriedades dos 15 sinais analisados por esta pesquisa. Observe que a variação lingüística foi comprovada entre as regiões Pernambuco e Ceará como já esperávamos na nossa hipótese inicial, porque por ser uma língua, como qualquer outra, a Libras, não poderia deixar de apresentar variação lingüística. Porém a variação não ocorreu apenas em um parâmetro da língua, teve alternações entre os parâmetros. O parâmetro M obteve, exclusivamente, uma variação, isso na palavra INCLUSÃO. A CM atingiu duas variações nos sinais ADJETIVO E BOA TARDE. Os sinais que tiveram variação nos parâmetros CM e M foram AJUDAR, ALEGRE, ELEVADOR, FEIJÃO E GRAMÁTICA. Houve, também, sinais que expuseram variação total nos parâmetros são eles: ABRIL, ACONTECER, AÇUCAR, BODE, CEG@, DESISTIR e GORD@. Conclui-se com esta análise que o parâmetro que menos exibiu variação foi PA, pois não houve nenhum sinal com variação, exclusivamente, nesse parâmetro.

<sup>5</sup> Todos os sinais utilizados nessa análise foram retirados da fonte: CAPOVILLA, C.; RAPHAEL, W.; TEMÓTEO, J.; MARTINS, A.; **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil - A Libras em suas Mãos**. São Paulo: Edusp, 2017.

Tabela 2: MUDANÇA NOS PARÂMETROS

<b>MUDANÇA NOS PARÂMETROS</b>	<b>QUANTIDADE DE SINAIS</b>
<b>Configuração de Mão</b>	2
<b>Ponto de Articulação</b>	0
<b>Movimento</b>	1
<b>Configuração de Mão e Movimento</b>	5
<b>Todos Parâmetros</b>	7

Fonte: a própria autora

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse trabalho procuramos mostrar que a Libras tem aspectos pertinentes, para serem abordados e analisados, assim como qualquer língua oral, pois é uma língua que deve e merece igualdade em relação às outras.

Um fato interessante a se observar é que o estudo das variações nesse trabalho se deu de maneira possível com coleta em dicionário, já que estes apresentavam registro de variedades diferentes, ocorrência esta que nos dicionários de língua portuguesa não acontece, porque só há registro apenas da forma padrão.

Pelo meio da análise quantitativa e qualitativa dos dados dessa pesquisa, podemos observar que houve uma variação nos parâmetros em todos os sinais analisados. A variação total de parâmetros teve maior recorrência nos sinais estudados, seguida da variação nos parâmetro Configuração de mão e Movimento, concomitantemente. Estes também variaram separadamente. Contudo o único parâmetro que não apresentou variação foi o Ponto de Articulação.

Embora essa pesquisa tenha abordado uma pequena parcela de sinais, é de grande relevância a contribuição desta para que surjam mais trabalhos que partilhem do mesmo objetivo e possam ser mais abrangentes, visto que ainda existem poucos trabalhos na área e pesquisas como esta é de grande relevância para Libras, uma vez que auxiliam a Língua Brasileira de Sinais a ser disseminada cada vez mais.

## REFERÊNCIAS

- ALKHMIN, T. **Sociolinguística**. In: MUSSALIM, F. e BENTES, A. C. (org.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. Vol.1. São Paulo: Cortez, 2001.
- AZEVEDO, Charles. **Configuração de Mão**. 2014. Disponível em: <<http://charles-libras.blogspot.com/2014/10/configuracoes-de-mao.html>> Acesso em: 15/05/2018.
- BRASIL. LEI Nº 10.436, de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências**, Brasília, DF, Abril 2002. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm). Acesso em 19 de Julho 2018.
- BRITO, Ferreira L. **Por uma gramática das línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- CALLOU, D.; LEITE, Y. **Iniciação à fonética e fonologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990. (Coleção Letras)
- CAPOVILLA, C.; RAPHAEL, W.; TEMÓTEO, J.; MARTINS, A.; **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil - A Libras em suas Mãos**. São Paulo: Edusp, 2017.
- CAVALCANTE, Marianne C.; **Língua Portuguesa e Libras Teorias e Práticas**. Editora UFPB. João Pessoa, 2013.
- COELHO, Izete. et al. **Sociolinguística**: Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.
- FERREIRA, L. A.; **O que é Libras? Fundamentos para a educação inclusiva de surdos: módulo** Natal: EDUFRN, 2011.
- GESSER, Audrei. **LIBRAS? que língua é essa?: Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola, 2009.
- JÚNIOR, G.C. **Variação linguística em língua de sinais brasileira: foco no léxico**. Brasília, Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, 2011.
- IGNÁCIO, Junior. **Análise de mudanças morfofonológicas na língua brasileira de sinais em comparação à produção em língua de sinais francesa**. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2014.
- LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- LOPES, Edward. **Fundamentos da linguística contemporânea**. São Paulo: Cultrix, 2001.
- MARENTETTE, P.F. 1995. **It's in her hands: a case study of the emergence of phonology in American Sign Language**. Montreal, Canada. PHD Dissertation. McGill University, Department of Psychology.
- MIGUEL, F. Falando de Libras. 2012. Disponível em: <<http://falandolibras.blogspot.com/2012/11/voce-sabe-o-que-e-datilologia.html>> Acesso em 22/08/2018
- PETTER, Margarida. **Linguagem, língua, linguística**. In: FIORIN, José Luiz (org.) **Introdução à Linguística – Objetos teóricos**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 11-24
- PIMENTA, N.; QUADROS. R. M. de. **Curso LIBRAS** 14a Edição. Editora Vozes, 2010.

- POSSENTI, S. **Os humores da língua**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998, p. 34
- QUADROS, Ronice Muller de. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. In: QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- SANTANA, J. O.; NEVES, M. **As variações linguísticas e suas implicações na prática docente**. Recife: Millenium, 2015.
- SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. 20. Ed. São Paulo: Cultrix, [1916] 1995.
- STOKOE, W. (1960) **Sign and Culture: A Reader for Students of American Sign Language**. Listok Press, Silver Spring, MD.
- STROBEL, K.; FERNANDES, S. **Aspectos Linguísticos da Língua Brasileira de Sinais**. Curitiba: Secretaria de Estado da Educação. Departamento da Educação Especial, SEED/SUED/DEE, 1992.
- TANYA, A.; MONTEIRO, M.; SOUZA, F. **Libras em Contexto: Curso Básico**. 6. Ed. Brasília: Ministério da Educação, 2007.